



O ENSINO DO VOCABULÁRIO ATRAVÉS DE TEXTOS : A ANTONÍMIA EM
VIEIRA
(THE TEACHING OF VOCABULARY THROUGH THE TEXTS: THE
ANTONYMISM IN VIEIRA)

Márcia Sipavicius SEIDE (Universidade Federal de Mato Grosso, PG-Universidade de São Paulo)

ABSTRACT: *This work aims at describing, in semantic terms, the studying of some language/speaking antonyms and presenting some considerations about a suggestive way of teaching antonyms in the Basic School.*

KEYWORDS: *Lexicology; Semantics; Language; Speacking; Antonyms.*

0. Introdução

Das relações semânticas que existem entre lexemas, a mais facilmente apreendida, de forma espontânea pelo falante/ouvinte, é a relação de antonímia. O processo de aquisição da linguagem parece espelhar esta facilidade: uma criança de três anos já está apta a elencar pares de antônimos.

Uma consequência da aquisição espontânea desta noção é o fato de todos terem este conceito formado intuitivamente antes de ingressarem no sistema formal de ensino.

Até pouco tempo atrás, esse conceito intuitivo coincidia com aquele proposto pelos estudiosos da língua portuguesa. Refiro-me à idéia de que os antônimos são palavras contrárias. Atualmente, as pesquisas lingüísticas sobre a antonímia possibilitam uma descrição mais precisa e acurada dessa relação existente entre os lexemas de uma língua. Estas pesquisas mostram haver fenômenos semânticos que são distintos, apesar de receberem uma designação comum a igualá-los.

1. Fundamentação Teórica

Uma pesquisa hodierna, fundamental para a noção de antonímia, é a publicada por Cruse (1991). Partindo da definição proposta por Lyons (1991), o lingüista considera que a antonímia é um caso particular de oposição, sendo a oposição um tipo de incompatibilidade. Para o autor, a oposição lexical é uma relação que se estabelece entre dois lexemas cujos sememas (conjunto de semas, isto é, traços de significado, unidades mínimas de significação) não são idênticos em virtude de um sema que os torna opostos entre si. Cruse distingue três tipos de oposição lexical (*lexical opposites*): complementar (*complementary*), antonímica (*antonymous*) e direcional (*directional oppositions*).

Seguindo a tradição terminológica em língua portuguesa, dizemos haver três



tipos de antonímia: a *complementar* que chamamos de tipo 1; a *antonímica*, de tipo 2 e a *direcional*, de tipo 3.

O comportamento dos itens lexicais, em testes pré-estabelecidos, indica de que tipo é um par de antônimos dado. Estes testes se baseiam na elaboração de frases que utilizam os termos do par. Elaboradas as frases, o critério adotado é haver ou não anomalia semântica, e/ou pressuposição, e/ou implicação.

Havíamos dito, a princípio, que uma criança de três anos já está apta a elencar pares de antônimos. Este elenco intuitivo considera as palavras da língua como entidades isoladas e descontextualizadas. Quando se pede a alguém que diga o antônimo de determinada palavra, esta pessoa buscará o que está sendo pedido em sua memória lexical. Os pares construídos dessa maneira podem não coincidir com aqueles elaborados para fazerem parte de um texto. Não obstante, tanto os elencados espontaneamente quanto os elaborados no seio de um discurso podem receber uma descrição semântica precisa por meio da utilização da classificação proposta por Cruse. A aplicabilidade de sua tipologia e a diferenciação existente entre a antonímia de língua (*langue*) e a antonímia de fala (*parole*) são demonstradas nas análises semânticas apresentadas a seguir.

Dado um trecho extraído do “Sermão das Dores da Sacratíssima Virgem Maria”, de autoria do padre Antonio Vieira (1955), os antônimos utilizados pelo orador foram por nós elencados e descritos. Em seguida, tendo por base apenas os primeiros termos dos pares, foi feito um elenco espontâneo dos termos segundos, formando novos pares, que também foram igualmente descritos. A comparação de ambos os elencos evidenciou que a antonímia no nível da língua nem sempre se identifica com a antonímia no nível da fala. Entendida esta diferenciação, refletimos sobre o ensino da antonímia na educação básica.

Para tornar a exposição mais clara, começamos pelo elenco espontâneo de antônimos. São cinco os primeiros termos propostos: *morte*, *dolorido*, *amor*, *ausência* e *inferno*.. Intuitivamente, ainda, há os termos segundos, respectivamente correspondentes: *vida*, *indolor*, *ódio*, *presença* e *paraíso*.. A aplicação dos testes descritos a seguir tornou possível a classificação dos pares elencados.

Para a classificação do tipo 1, de acordo com Cruse, são elaboradas frases em que há dupla negação dos termos. Assim, dado um par A-B, construímos as frases “X não é A nem B” e “X não é B nem A”. Se resultarem frases anômalas, a antonímia é *complementar*, pois a anomalia das frases evidencia as características semânticas deste tipo de par. Os lexemas, neste caso, dividem um campo conceitual de maneira estanque, por isso a aplicabilidade de A em dado contexto implica na não aplicabilidade de B e vice-versa: dizer A implica em dizer não - B e dizer B implica em dizer não - A. Além disso, a dupla negação não deixa margem para que haja qualquer informação pressuposta.

Caracterizado um par como de tipo 1, é possível classificá-lo em sub-tipos: *complementar simplesmente*, *interativo* e *satisfativo*. Os pares *interativos* são constituídos por lexemas que mantêm entre si uma relação de estímulo e resposta, como: *comandar-obedecer*, *convidar-recusar*, *comandar-desobedecer*, *convidar-*



aceitar. Nos pares *interativos*, o primeiro termo expressa o requisito para que haja a reação ou resposta denotada pelo segundo termo. Os *satisfativos* são semelhantes aos interativos, porém o segundo termo sempre expressa o êxito de uma ação. Temos assim pares como *procurar-achar* e *tentar-conseguir*: *acha* aquele que *procura* com sucesso, consegue quem tenta com afinho.

O par *morte-vida*, de nosso elenco, é um par *complementar*, tipo 1. O fato de a dupla negação dos termos produzir frases anômalas (* Ele não morreu nem viveu. / * Ele não viveu nem morreu) indica que os lexemas dividem um campo conceitual de maneira estanque. Entre os sub-tipos propostos para esta categoria, o que melhor descreve o par é a *complementariedade interativa*, pois para haver *morte*, é preciso ter havido *vida*, assim como para *obedecer* ou *desobedecer*, é preciso ter havido um *comando*, para *aceitar* ou *recusar* é preciso ter havido um *convite*.

Já com relação ao par *dolorido-indolor*, a antonímia é do tipo 1, *complementar*, pois não é possível a dupla negação (* A vacina não foi dolorida nem indolor/ * A vacina não foi indolor nem dolorida).

Se, dado um par, as frases de dupla negação elaboradas não produzem anomalia, isto pode ser um indício de que o par seja do tipo 2 ou do tipo 3, como veremos abaixo. A antonímia de tipo 2 caracteriza-se pela gradabilidade dos termos e pode ser *polar*, *sobrepolente* ou *equipolente*. O critério para esta classificação baseia-se nos conceitos de comparatibilidade verdadeira e de pseudo-comparatibilidade.

Segundo o autor, uma comparação só será verdadeira se denotar um maior grau da qualidade que está sendo comparada. Para distinguir a comparatibilidade falsa da verdadeira é proposto o seguinte teste. Dadas frases do tipo “X é A mas é B” e “X é A mas é mais B que Y”, se os comparativos forem verdadeiros, formá-se-ão duas frases anômalas; se forem pseudo-comparativos, apenas a primeira apresentará anomalia. A relação de antonímia *polar* é aquela formada por dois pseudos-comparativos. Se apenas um dos itens é um comparativo verdadeiro, a antonímia é *sobreponente*. Se ambos os termos são comparativos verdadeiros, a antonímia é *equipolente*.

Um critério complementar para identificar a antonímia de tipo 2 é a natureza da pergunta quantificadora que pode ser feita para cada termo do par. Nos pares *equipolentes*, as questões são parciais; nos *sobreponentes*, apenas uma o será e nos *polares*, ambas são imparciais. Na pergunta parcial, quem pergunta fez anteriormente uma pressuposição de modo que a resposta deve confirmá-la ou contradizê-la. Na *imparcial*, ao contrário, o locutor está de fato perguntando por uma informação que não possui.

Pode ocorrer que um determinado par falhe nos testes de tipo 1 e nos de tipo 2. No caso de este par ter em seu semema o sema da espacialidade, o par teve ser classificado como de tipo 3, isto é, como *direcional*. Um par que tenha este sema e tenha sido classificado como de tipo 1 ou de tipo 2 é reclassificado como de tipo 3, o mesmo acontecendo com pares classificáveis tanto como de tipo 1 quanto de tipo 2. Dependendo das peculiaridades semânticas dos pares *direcionais*, eles podem ser *complementares*, *opostos*, *antípodos* ou *reversos*.

Com relação ao nosso par *amor-ódio*, a dupla negação dos termos dá margem a



pressuposição (Ele não ama nem odeia a vizinha, quer dizer que ele lhe é indiferente) o que indica que a antonímia não é do tipo 1. Aí a antonímia de tipo 2 caracteriza-se pelo fato de os seus membros serem graduáveis. *Amor* e *ódio* são termos graduáveis, logo o par é deste tipo. O fato de serem anômalas as frases comparativas de superioridade, formadas pelos lexemas do par, é que indica que a antonímia é *equipolente* (*Ele odeia mais do que ama a vizinha / * Ele ama mais do que odeia a vizinha).

O par *ausência* - *presença*, por sua vez, é do tipo 2 e é *polar*, pois é possível elaborar frases comparativas de superioridade que são aceitáveis (Este aluno é presente mas é mais ausente que o outro . / Este aluno é ausente mas é mais presente que o outro).

O par *inferno* - *paraíso*, entretanto, é um par do tipo *direcional*, tipo 3. É *direcional* porque, no significado dos lexemas que formam o par, há o sema da *espacialidade*: o *paraíso* é um lugar que se encontra no céu e o *inferno* está no extremo oposto, embaixo da Terra. Porque cada item do par denota um extremo, ele é uma antonímia *direcional antípoda*.

No nível da língua, temos para *inferno* o antônimo *céu* e o par *inferno-céu* é *direcional*, tipo 3. No texto vieirense, entretanto, há dois pares *interativos*, tipo 1: *inferno* - *paraíso* e *inferno* - *este mundo*. Não são direcionais, porque, no referido texto, os termos não se referem a lugares, mas sim a estados, a estar ou a não estar com a presença de Deus. São *interativos*, porque, segundo nossa concepção religiosa, para estar no inferno ou no paraíso é preciso antes ter estado neste mundo.

Se para o falante o termo *morte* chama como antônimo o termo *vida*; no texto vieirense, a *morte* é contraposta ao *inferno*. Tanto *morte-vida* quanto *morte-inferno* são pares de antonímia *complementar interativa*, tipo 1.

Para o senso comum, o *amor* é o contrário do *ódio*; no sermão de Maria, o *amor* é oposto à *emulação*. *Amor-ódio*, antonímia *polar*, tipo 2; *amor-emulação*, antonímia *sobreponente*, tipo 2.

Tanto no nível da língua, quanto no nível da fala, *ausência-presença* e *dolorido-indolor* são antônimos *polares*, tipo 2. No nível da língua, só são consideradas as unidades lexicais formadas por uma palavra, porque o armazenamento do vocabulário na memória elenca lexemas simples. No texto do jesuíta, há locuções que equivalem a palavras: o que é *sem dor* é *indolor*, o que é *com dor* é *dolorido*.

A comparação dos antônimos elencados no nível da língua com os utilizados no texto mostra haver dois pares em comum e três pares divergentes. Este resultado é condizente com a articulação existente entre o conjunto vocabular armazenado na memória do usuário do idioma, denominado dicionário, e o significado das palavras usadas de maneira contextualizadas.

O dicionário é uma abstração dos usos concretos da linguagem, o texto, oral ou escrito, atualiza os sentidos elencados no dicionário e cria outros. Ao mesmo tempo que o usuário se baseia nos significados já estabelecidos para as palavras, ao compor seu discurso, o próprio discurso por ele composto modifica os sentidos que podem ser atribuídos às palavras. Desta maneira, o usuário do idioma tem seu dicionário algo modificado por sua experiência de ouvinte e/ou leitor.



A análise desenvolvida aqui, a título de amostragem do comportamento da antonímia textual em Vieira, teve por objetivo descrever em termos semânticos da antonímia de língua e a antonímia de fala. Entretanto, quando nos voltamos para o estudo da antonímia para fins didáticos, é preciso considerar que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, um dos objetivos da educação é desenvolver o conhecimento proximal do aluno. Transformar em ponto de partida o que o aluno já sabe para, em seguida, ampliar e aperfeiçoar o saber que o aluno trás para a sala de aula. São ações que o educador pode empreender para promover o desenvolvimento proximal do educando.

No caso específico do ensino da antonímia, é preciso levar em conta que o aluno é um usuário do idioma e que o conceito de antonímia já está formado para ele. O professor deve se basear, em primeiro lugar, nos pares de antônimos que seus alunos são capazes de elaborar, uma vez fornecidos os primeiros termos.

Dado este passo, o seguinte é sensibilizá-los para as diferentes características de cada tipo de antonímia. Uma sugestão seria a de analisar os antônimos elencados de maneira espontânea pelos alunos. Esta análise poderá ser feita por meio de exercícios cujo nível de dificuldade deverá ser compatível com o da série na qual os alunos se encontram. Já cientes da riqueza semântica deste recurso lingüístico, é possível trabalhar com a antonímia textual.

Conclusão

O trabalho com a antonímia, discursivamente elaborada, deve estimular o aluno a ajustar as informações de seu dicionário com as dadas pelo texto no qual a antonímia é utilizada. A importância didática deste procedimento deve-se ao fato de que o esforço de empreender este ajustamento promove a mobilização das habilidades necessárias para o aperfeiçoamento da competência lingüística do educando, pois deve ele ser estimulado para se tornar um usuário proficiente do idioma, tanto nas habilidades receptivas (leitura e interpretação de textos) quanto nas ativas (produção de textos orais e escritos).

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo descrever, em termos semânticos, a antonímia de língua e a antonímia de fala e apresentar algumas considerações a respeito do ensino da antonímia na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: *Lexicologia; Semântica; Língua; Fala; Antonímia.*

ANEXO:

“....O Filho no Inferno sem dor, a Mãe neste mundo com dores, a que se não acha comparação? Logo o Filho e a Mãe nesta hora partiram entre si o Inferno: o Filho descendo ao lugar, e a Mãe padecendo as dores: *Dolores Inferni circumdederunt me*. Este será o meu assunto, que em tempo tão breve como o sinalado, só sendo tão extraordinário podia ser grande. E posto que o nome de Inferno pareça medonho, a



propriedade da mesma comparação lhes tirará o horror...

Fortis est ut mors dilectio, dura sicut Infernus aemulatio, disse profeticamente Salomão falando do Esposo e da Esposa, isto é, Cristo e sua Mãe. Põe de uma parte o amor, e da outra a emulação competindo-se: e por extremos da competência da parte do amor a morte, e da parte da emulação o Inferno. E quais foram os competidores? Os que já dissemos. Da parte do amor o Filho que chegou a morrer por amor dos homens: e da parte da emulação a Mãe, que vendo o Filho morto, chegou a padecer por ele as dores do Inferno. De sorte que comparando a fortaleza do amor com a dureza do Inferno, no sepulcro do Filho se pode escrever po epitáfio: *Fortis est ut mors dilectio*: e no coração da Mãe por trofeu: *Dura sicut Infernus aemulatio*. Dos extremos do amor forte como a morte pregaram hoje todos os púlpitos: dos extremos da dor dura como o Inferno hei-de falar eu agora: e peço atenção.

Duas penas se padecem no Inferno: a pena de dano, e a pena de sentido. A pena de dano consiste na ausência de Deus. E começando por esta, tal foi a primeira pena da dor de Maria. As outras ausências, ainda que sejam de quem muito se ama, são penas desta vida: só a privação e ausência de Deus é pena como a que no Inferno, por antonomásia da perda, se chama pena de dano. Privação era a que Deus considerou em Adão, quando disse: *Non est bonum esse hominem solum*. Privação foi a que considerou Jacob em Benjamim pela morte de seu irmão, quando disse: *Et ipse solus remansit*. *Ibid*. Mas como as penas e as ausências eram semelhante à companhia de que um se via faltar, e outro privado, não mereciam o nome de dano, que só por excelência se deve à privação da companhia e vista de Deus; qual era a que a Senhora padecia nesta hora, privada da presença e vista de um Filho, que, juntamente, era seu Filho e Deus.

Disse o ladrão a Cristo: *Domine, memento mei*. *Luc. XXIII* 42. E o Senhor lhe respondeu: *Hodie mecum eris in Paradiso*. *Ibid*. 43. Pois como, *in Paradiso*, se Cristo no mesmo dia, desceu ao Inferno, e lá o achou o ladrão, quando pouco depois expirou? Cristo no Inferno, e o ladrão no Inferno naquele dia, e também nos dois seguintes, e diz-lhe Cristo, hoje estarás comigo no Paraíso? Sim, e por isso mesmo. Não vedes que disse Cristo ao ladrão, que estaria com ele: *Mecum eris*? Pois por isso acrescenta também, que estaria no Paraíso; porque estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso. O *in Paradiso* foi consequência do *mecum eris*. E se a glória de estar com Cristo no Inferno faz do Inferno Paraíso, vede se a pena de estar sem Cristo neste mundo faria de Paraíso Inferno! A presença ou ausência de Deus é a que faz o Inferno ou o Paraíso, e não os lugares. O Inferno começou no Céu, quando os anjos foram privados da vista de Deus: e o Paraíso começou no Inferno, quando os Santos Padres viram lá a Cristo. E esta era a diferença, em que os olhos e coração da Senhora se viu nesta hora..." (VIEIRA 1959: 28-30).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÄKLING & NÓBREGA, *Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quartos ciclos do ensino fundamental. Português* (Versão Preliminar para discussão nacional) Brasília, Outubro, 1997.



CRUSE, D. *A Lexical Semantics*. Avon, Cambridge University Press., 1991.
LYONS, J. *Semantics I.*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.
VIEIRA, Pde. A. *Sermões*, tomo V, Lello & Irmão, Porto, 1959.

